

*Norma Côrtes\**

# **A (DES)RAZÃO DESPREPARADA**

**O ser-no-mundo do homem ordinário segundo a  
fenomenologia da consciência ingênua  
de Álvaro Vieira Pinto**

**Notas para a divulgação de  
*Consciência e Realidade Nacional*, volume I**

Direitos de Autor de Norma Côrtes Gouveia de Melo  
© Norma Côrtes Gouveia de Melo



**A (des)razão despreparada:** O ser-no-mundo do homem ordinário segundo a fenomenologia da consciência ingênua de Álvaro Vieira Pinto. Notas para a divulgação de Consciência e Realidade Nacional, volume I (1960) de Norma Côrtes Gouveia de Melo está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

A obra foi disponibilizada em:

<https://ufrj.academia.edu/NormaCortes>

<http://www.facebook.com/artesdotempos/>

<https://historia.ufrj.br/index.php/publicacoes/escritos-avulsos>

Côrtes, Norma

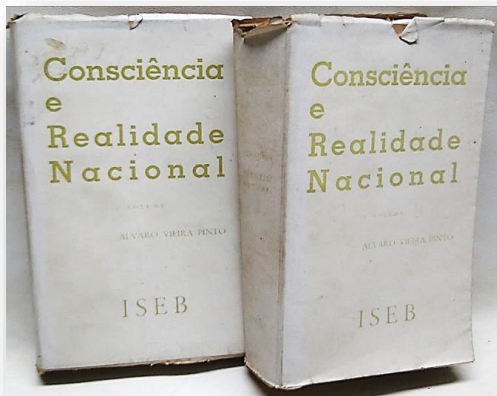
A (des)razão despreparada: o ser-no-mundo do homem ordinário segundo a fenomenologia da “consciência ingênua” de Álvaro Vieira Pinto. Notas para a divulgação de Consciência e Realidade Nacional, volume I (1960) / Norma Côrtes. Apostila didática. Artes do tempo, Rio de Janeiro: 2020.

30p.

Inclui referências.

1. Álvaro Vieira Pinto, 1909-1987 – Crítica e Interpretação 2. Consciência e Realidade Nacional 3. Filósofos – Brasil 4. Guia de Leitura

\* Norma Côrtes, historiadora, é integrante da Rede de Estudos sobre Álvaro Vieira Pinto, professora de Teoria e Metodologia da História e Diretora do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH-UFRJ), Brasil. | [ncortes.ufrj@gmail.com](mailto:ncortes.ufrj@gmail.com)



*“Abrem-se sempre aos homens duas possibilidade de existência, a autêntica e a inautêntica. [...] O existir autêntico não é de modo algum o do homem que vive para a morte, que sofre a angustia do nada, que sabe estar voltado ao*

*fracasso, mas o daquele que assume*

*concretamente as tarefas que lhe são impostas pela sua existência social, na comunidade a que pertence. O existir inautêntico é que se caracteriza pela presunção filosófica de possuir um saber quinta-essencial, pelo ridículo orgulho de se destacar da massa e de viver no mundo da própria subjetividade. Nestas condições o filósofo está inteiramente inutilizado para a sua função social.”*

(CRN/1, 421)

A handwritten signature in black ink, reading 'Vieira Pinto'. The signature is written in a cursive, flowing style.

## Apresentação

Esta apostila didática foi original e parcialmente apresentada em setembro de 2019, como a conferência de abertura do II Encontro Álvaro Vieira Pinto do Triângulo Mineiro, realizada na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba (MG).

Resolvi publicá-la como um texto de acesso livre e licenciado em licença aberta para cumprir e ser consistente com a vocação de divulgação dos estudos filosóficos, que acredito estar inscrita, e bem acesa, em *Consciência e Realidade Nacional* (CRN), obra-prima de Álvaro Vieira Pinto. Com essa iniciativa pretendo contribuir para a difusão da leitura de CRN. E tento oferecer uma breve introdução às ideias desse filósofo brasileiro, visando driblar um dos aspectos que inibiu o pleno êxito das suas intenções autorais — afinal, CRN reúne, em dois pesados volumes, mais de mil páginas, que possivelmente têm intimidado aos leitores.

Afirmo isso baseada em minha experiência docente. Há mais de trinta anos sou pesquisadora atuante na área da história intelectual, ensino e oriento em nível de graduação ou pós-graduação, e até hoje só encontrei pouquíssimos estudantes que fizeram a longa travessia de *Consciência e Realidade Nacional*. É claro que há razões historicamente compreensíveis para que a recepção às ideias do isebiano tenha sido enviesada — de resto, examino tal problema nos primeiros capítulos de *Esperança e Democracia*, minha tese de doutorado publicada pelo IUPERJ e Editora UFMG em 2003. No entanto, a despeito desses aspectos historicamente efetivos (na aceção dada por Gadamer) e que tem a ver tanto com um conflito de gerações quanto com as inflexões intelectuais entre as vogas do historicismo/existencialismo e do estruturalismo, a verdade é que a compreensão da filosofia de Vieira vem se baseando principalmente em outros livros que, obviamente, são relevantes, mas também são de menor monta (*Ideologia e Desenvolvimento Nacional* | *Por que os ricos não fazem greve?* | *Sete lições...*). Ademais, desde as publicações póstumas dos inéditos *O conceito de tecnologia* e *Sociologia dos países subdesenvolvidos*, a sua fortuna crítica sofreu notável reviravolta, encontrando jovens leitores com novas perspectivas. Mas, contudo, lamentavelmente, e em virtude dessa mesma reviravolta, também tem sido reavaliada fragmentariamente sob a ênfase das discontinuidades e das fases isoladas.

Por fim, afora esses motivos acadêmicos, que se referem às (im)precisões de interpretação da história das ideias filosóficas no Brasil, esta publicação também se justifica por razões nietzschianas e vitais. Porque CRN encerra uma potência intelectual que justamente agora precisa e deve ser resgatada. Vieira enfrentou os ânimos demofóbicos e não apenas tentou aproximar o filósofo do leigo, convidando homens ordinários para o debate, como, principalmente, descreveu os traços característicos desse homem comum conduzindo seus leitores pelos caminhos da (auto)reflexão acerca dos seus próprios pertencimentos à realidade nacional. Dirigindo-se às majorias, *Consciência e Realidade Nacional* consistiu num projeto filosófico compromissado com a inclusão social, o reconhecimento e o diálogo sobre e com as massas.

Rio de Janeiro, novembro de 2019.  
Norma Côrtes

# I

Em 2020, a obra prima de Álvaro Vieira Pinto (1909 – 1987)<sup>1</sup>, *Consciência e Realidade Nacional*<sup>2</sup>, completa sessenta anos de publicação. Lançada pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)<sup>3</sup> como parte dos esforços para emancipação cultural do país<sup>4</sup>, *Consciência e Realidade* consiste numa longa investida filosófica sobre as características da consciência ingênua e também da consciência crítica, apresentando os seus respectivos modos de ser-no-mundo, formas de raciocínio, tipos de percepção, traços comportamentais e os principais aspectos das suas respectivas representações acerca da realidade nacional<sup>5</sup>.

Escrito coloquialmente e para o leitor comum — o que, em alguma medida, justifica as suas mais de mil páginas<sup>6</sup> —, CRN divide-se em dois grandes volumes, cada um dedicado a uma dessas modalidades de existência e raciocínio. No primeiro volume, *A consciência ingênua*, após as cento e sessenta páginas iniciais de *Introdução* ao conjunto de toda a obra, encontra-se uma detalhada descrição da consciência primária, que explora e tipifica a sua visão de mundo e os seus modos de ser, existir e pensar.

Com um formidável conjunto de sinónimas, a consciência ingênua possui uma abundância nominativa que expressa as múltiplas características do seu ser-no-mundo. Por isso, foi chamada de consciência desarmada; parva; singela; pensamento pueril; representação cândida; primária; espírito despreparado; simplista; inocente; consciência simplória; elementar; imperita; malformada; mentalidade irrefletida; precária; simples; infortunada; deformada; consciência desocupada etc. etc...

---

<sup>1</sup> Para informações biobibliográficas sobre AVP, cf. o site e a mídia social da Rede de Estudos sobre Álvaro Vieira Pinto. Disponível em: <http://www.alvarovieirapinto.org/> | <https://www.facebook.com/groups/alvarovieirapinto/>

<sup>2</sup> Álvaro Vieira PINTO. *Consciência e Realidade Nacional*. 2 volumes. Rio de Janeiro: ISEB/MEC, 1960.

<sup>3</sup> Criado em 1955, pelo Decreto n. 37.608, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) tinha por finalidade: “o estudo, o ensino e a divulgação das ciências sociais, notadamente da sociologia, da história, da economia e da política, especialmente para o fim de aplicar as categorias e os dados dessas ciências à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira, visando à elaboração de instrumentos teóricos que permitam o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional.” | Dentre outros, cf. a compilação das referências bibliográficas sobre e do ISEB realizada por Edson BARIANI Jr. Recenseamento bibliográfico em torno do ISEB. *Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB*. Caio Navarro Toledo (org.). RJ: Revan, 2005.

<sup>4</sup> CRN/I,2: “Empenhado na obra de emancipação cultural do país, o ISEB se propõe, no que diz respeito a publicações, realizar um plano editorial que inclui não só traduções de obras estrangeiras — sobretudo das que nos ajudem a compreender os problemas do homem brasileiro e do contexto semicolonial e subdesenvolvido em que se acha situado —, mas também e principalmente a produção de originais brasileiros que revelem a nova perspectiva em que nos encontramos.”

<sup>5</sup> CRN/I,20: “[...] a consciência é sempre um conjunto de representações, ideias, conceitos, organizados em estruturas suficientemente caracterizadas para se distinguirem tipos ou modalidades.”

<sup>6</sup> Exploro esse ponto em N. CÔRTEZ. *Esperança e Democracia. As ideias de Álvaro Vieira Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

Cada um desses adjetivos descreve uma singularidade da consciência ingênua. E a totalidade desse conjunto de aspectos é melhor e bem compreendida na taxonomia que aparece nas últimas quatrocentas e tantas páginas do primeiro do primeiro volume de *Consciência e Realidade Nacional*. Nelas, se encontra uma detalhadíssima descrição fenomenológica tipificada em trinta e três caracteres que exprimem os modos de ser, existir e pensar da consciência cândida. É importante salientar, porém, que Vieira Pinto não trata a questão sob a visada psicológica. Quer dizer, os trinta e três caracteres da consciência despreparada não descrevem traços egóicos identitários de um *self* ou uma psique<sup>7</sup>. Antes, eles consistem numa análise fenomenológica que destrincha as manifestações sociais de uma visão de mundo (*weltanschauung*), ou seja: trata-se da análise de uma totalidade<sup>8</sup>, um conjunto razoavelmente articulado, mas desordenado e impreciso, de valores, sentimentos, atitudes, formas de pensar, comportamentos, concepções intuitivas e pré-reflexivas acerca dos seres e haveres do mundo.

Apresentada numa sequência contínua, os trinta e três caracteres dessa fenomenologia da consciência precária podem (mas só em benefício da economia expositiva) ser agrupados em quatro segmentos discretos organizados a partir de temas ou questões comuns.

O primeiro desses segmentos reúne as cinco seguintes características: 1. Caráter sensitivo; 2. Caráter impressionista; 3. Condicionamento pelo âmbito individual; 4. Absolutização da sua posição; 5. Incoerência lógica. Tais qualidades revelam a estrutura da intencionalidade<sup>9</sup>, pois descrevem os modos de raciocínio e as formas de cognição da consciência ingênua. Quer dizer, reunidos, esses cinco primeiros caracteres respondem à seguinte indagação: **Como a consciência ingênua percebe a realidade?**

“Funda-se em percepções superficiais, o que a faz tomar irrefletidamente a aparência, como expressão última da realidade. Reduz o real ao dado imediato. Julga o real tal como o sente.”

“O mundo aparece-lhe como um conjunto de objetos e pessoas destinados a lhe causar bem-estar, não devendo ser avaliado senão por esse critério. Vê em toda argumentação

um artifício malicioso, empregado pelos seus inimigos para fazer calar a sua reação espontânea.”

“Fecha-se em si mesma, constitui-se em *causa sui*, torna-se fundamento da verdade para si e, satisfeita com o mundo que secretou em torno de si, passa ver o exterior a partir do que acredita ser a “razão”, a julgá-lo pela norma de que é possuída, e que

---

<sup>7</sup> Caso as características da consciência ingênua fossem traços de personalidade, penso que estaríamos diante de uma criatura autocentrada e, no limite, tóxica. Mas, insisto: para Álvaro Vieira Pinto, essa dimensão egóica, subjetiva ou psicológica não estava em questão.

<sup>8</sup> CRN/I, 243.: “[...] a consciência é uma totalidade, sua apreensão do real é unitária e só para efeito de análise descritiva, se dissocia em aspectos múltiplos, na verdade sempre interligados e implicando-se uns aos outros.”

<sup>9</sup> De forma explícita, Vieira Pinto não mobilizou qualquer instrumental conceitual. Em verdade, ele sequer menciona algum pensador. Não obstante, é possível identificar forte proximidade entre as suas ideias e a fenomenologia de Husserl, para quem, a consciência é intencional, i.é, sempre está dirigida a um objeto. “A palavra intencionalidade, escreveu Husserl nas *Meditações Cartesianas* (1931), significa apenas que esta particularidade intrínseca e geral que a consciência tem de ser consciência *de* qualquer coisa, de trazer, na sua qualidade de *cogito*, o *cogitatum* em si próprio.” E. HUSSERL. *Meditações Cartesianas*. Porto: Edições Rés, s/d, p 48.

nada mais exprime senão um acervo de hábitos, de reações sensoriais, de impulsos psicológicos elementares, enfim a predominância da sensibilidade sobre a autêntica racionalidade.”

“A paixão é a sua principal fonte de ideias e, mesmo quando não as origina, serve como critério de verdade.”

“Como não procede por via de apreciação fundamentada, seus enunciados têm valor de simples impressões, tomadas dessa aparência que não consegue apreender na exata significação. [...] a simples presença diante dos fatos não lhe pode fornecer mais do que uma sucessão de impressões, de mínima duração, em constante mudança. A relação ao real é, assim, punctiforme, a noção que o representa surge no pensamento como uma cintilação, a que logo se segue outra e mais outra, num processo de percepções singulares, onde dificilmente se reconhecerá qualquer conexão racional.”

“Aprendendo a realidade nacional a partir de um ponto de vista individual, é uma percepção que não vai além da área de existência de quem a constitui. É uma visão limitada que julga ser contemplação de todo o real. Nisso está a sua inocência. O espaço que alcança é apenas o do seu horizonte

particular, mas, em vez de saber que assim é, pensa estar abrangendo o universo da realidade.”

“A representação simplória da realidade não duvida de que somente ela seja válida, porque não vê como é possível pensar diferentemente. É tão segura de si, que não pode evitar anatematizar os discordantes, [...]. Assim não está disposta a discutir o significado e as razões da sua posição. Parece-lhe que qualquer condescendência com os que pretendem demonstrar-lhe o erro, nada mais é do que fraqueza moral, [...].

“A consciência cândida é cega aos matizes da realidade. [...] O caráter absoluto da posição que adota, dando-lhe a superioridade, natural em quem já possui a compreensão geral da realidade, torna-a insensível à argumentação objetiva, às análises minuciosas, à demonstração matemática. [...] Não se comove nem se deixa convencer pelas razões dos adversários, que desde o início já sabia ser pessoa equivocada [...] não acredita que valha a pena ocupar-se em debater argumentos, quando o que está em jogo são atitudes de pessoas [...]. Encontramos neste traço um sinal decisivo desta modalidade de consciência, a causa da sua impropriedade à discussão e à crítica.”

Depois, o segundo grupo de qualidades da consciência cândida aborda os seus traços ideológicos (valores) e comportamentais (atitudes), que Vieira Pinto recenseou nestes caracteres que se seguem: 6. Irascibilidade; 7. Incapacidade de dialogar; 8. Pedantismo; 9. Ausência de compreensão unitária; 10. Incapacidade de atuação ordenada; 11. Moralismo; 12. Idealização dos dados concretos; 13. Apelo à violência; 14. Desprezo pela massa; 15. Culto ao herói salvador; 16. Messianismo da revolução; 17. Admissão da existência de problema supremo; 18. Coisificação das ideias; 19. Maledicência e precipitação de julgamento.

As questões que enfeixam todas essas características são: Qual é a visão de mundo, *weltanschauung*, da consciência pueril? Ou: **Como a consciência ingênua se comporta e está no mundo?**

“A consciência ingênua é reclamadora, deblateradora. Vemo-la constantemente indignada contra os fatos e as atitudes dos homens, protestando contra os acontecimentos. É atitude típica do jornalista de oposição, do panfletário ou do demagogo que se deblatera contra tudo e contra todos.”

“Reclama e protesta contra o que acontece e com isso revela a essência da sua ingenuidade, que consiste em desconhecer ou negar a existência de razões objetivas para o que acontece. A consciência primária é inconformada, porque desejaria que as coisas fossem diferentes [...] para o pensar ingênuo, os acontecimentos não têm lógica própria, e, por conseguinte poderiam ocorrer de outro modo. [...] A consciência ingênua tende assim a justificar, com esta lógica animista, a sua conduta agressora, rixenta, ofensiva.”

“A consciência ingênua é a que, tendo assumido a validade absoluta do seu ponto de vista, não pode deixar de considerar aberração mental qualquer posição diferente da sua. [...] Para o pensar inexperiente, absoluto e isento de dúvida interior, a procura da verdade é um escândalo intelectual e uma fraqueza moral; é sinal de confusão espiritual e de incapacidade para realizar a apreensão intuitiva que, dispensando qualquer argumentação, salta diretamente sobre a ideia verdadeira [...]”

“Extraímos daqui um dos aspectos mais sérios deste traço ingênuo [...]. Impossibilitada de comunicação, a consciência ingênua é, no íntimo, uma consciência solitária. Mas a forma de que se reveste a sua solidão é peculiar: é a procura de assentimento uníssono nas consciências que se lhe assemelham, fazem coro aos seus ditados e, deste modo, ‘só em paródia desempenham o papel existencial de “outro”. [...] A consciência primária não é dado possuir o verdadeiro reconhecimento; por isso, troca-o pelo

aplauso. contenta-se com a aclamação emotiva [...]. Eis porque dizíamos ser a consciência ingênua solitária e prisioneira da si. Vive a farsa de um reconhecimento infecundo, só encontra a adesão dos idênticos e, assim, multiplica-se sem se reproduzir.”

“A crença na própria genialidade [...] leva o pensador ingênuo a se julgar um predestinado. [...] Tudo o quanto fizeram os personagens geralmente reverenciados do nosso passado cultural é sumariamente demolido pela frase negadora e pelo sorriso de superioridade do talento moderno. Despreza os grandes nomes antigos porque considera como pertencendo a fase “atrasada” da nossa história. A época atual não lhe parece, evidentemente, atrasada, pois basta a presença dele para demonstrar que é uma época de muito maior adiantamento.”

“O intelectual semicolonial, que produz para exhibir o que julga saber, é invariavelmente um misto de estudioso e charlatão. [...] Tem necessariamente de exhibir mais do que de fato adquiriu [...]. Nas obras que elabora para o deslumbramento interno, derrama-se em citações de autores estrangeiros, quase sempre no original. [...] o intelectual primário não perde ocasião de citar algumas banalidades ciceronianas [...] os que não se atrevem a tal, preferem demonstrar familiaridade com a cultura do nosso tempo exibindo especial conhecimento do idioma germânico. [...] é indispensável citar os filósofos alemães modernos no original, sem, evidentemente, a menor concessão ao vulgo [...].

“[...] a postura moralista não é nociva somente pela distorção intelectual que representa, mas sobretudo porque é a porta aberta para o desencadear de reações emotivas. Com efeito, diante de um acontecimento histórico ou de um personagem político carregado de essencial malignidade, não cabe outra reação fora do



desejo de extirpação. [...] Impõem-se, portanto, um apelo a violência, mesmo extrema, contra instituições, coisas e pessoas nas quais a maldade se encarnou. Assim procedendo, a consciência acredita estar restabelecendo o império da lei moral, [...], mas o que intimamente dita tal conduta é o desejo de corrigir a realidade. Nisto precisamente está a ingenuidade que a recobre.”

“A mais funesta consequência da idealização moralista é embotar a sensibilidade aos fatos históricos concretos, substituindo-a pela gnose ingênua de cunho dualista, em que o choque real das forças econômicas é ocultado pelo combate místico entre a Luz e a Treva, o Bem e o Mal.”

“O fascínio da violência ronda a consciência ingênua. Nada mais fácil do que ceder, sempre com a mais altruísta das intenções, ao generoso impulso de suprimir momentaneamente a liberdade para melhor organizá-la. A sedução da ditadura é um dos malefícios contra o qual mais nos devemos precaver, opondo-lhe a clareza do pensar crítico, sob forma de interpretação lógica do curso histórico. Com efeito, de todos os modos do pensar desaperrado é este o mais difícil de ser excluído da conduta do homem comum.”

“[...] segundo o pensar inocente, a ideia de massa é arbitrária, não corresponde a nenhuma realidade social efetiva e constante [...]. [...] para a compreensão desarmada, a sociedade só contém na sua estrutura uma diferenciação lícita e permanente: a que se dá entre governo e povo.”

“A massa é, para o pensamento inocente, instrumento verbal artificioso, criado pelos interessados em manejá-lo contra as instituições e as ideias vigentes. É uma noção subversiva. [...] No princípio era o povo, nele é que o homem nasce, e se mais tarde é obrigado a perder-se na indistinção

da massa, esse transito constitui uma degradação. A massa como fenômeno social patológico, indício de uma civilização decadente e próxima do extermínio, que perdeu o senso dos valores morais, que se afasta de Deus etc. Contido ainda nesta mesma mentalidade primária está outro traço, que sempre a acompanha e a ela se ajusta o desprezo pela máquina. A mentalidade elementar tem a esse respeito concepções simples e radicais. [...] A mecanização do mundo, em vez de libertar, acorrentou o homem, em vez de favorecê-lo, tornou-o ainda mais infeliz.

“O desprezo pela massa instala o hábito da postura fidalga, funesta ao despertar da solicitude pelos empreendimentos materiais. [...] Daí a crescente má vontade com que os representantes deste modo de pensar observam o crescente surto industrial do País. [...] Veem na crescente urbanização sintoma assustador deste movimento social, a que atribuem todos os males que presenciamos. [...] Estamos desviando o Brasil da sua vocação agrícola, que o levaria a conquistar, pelos métodos de cultivo intenso, esplêndida situação de riqueza e abundância, para fazer dele um país industrial de baixa categoria.”

“A consciência elementar assume caráter retrógrado praticamente nefasto, de compromisso irracional com a tradição, com tudo quanto representa o passado, do qual tem apenas visão romântica e a-histórica. Vive no contínuo temor do futuro, que lhe parece encobrir uma incógnita provavelmente mais desfavorável que propícia.”

[O culto ao herói salvador] “Resulta da transferência para o plano político da inata aversão à massa e da postura aristocrática próprias daquela consciência.”

“Há na mentalidade ingênua a implícita tendência a crer no que chama a ‘certeza de dias melhores’. [...] a revolução, tem, para a consciência simplória um caráter

messiânico. Será um tempo de terror salutar, a aurora trágica dos dias fartos. Crê que há de vir, trazendo a justiça, a reparação das ofensas, o advento do milênio.”

“[...] não se furta a imaginar sob as cores mais rubras o episódio revolucionário; quer mesmo que seja arrasador, que liquide de vez com os ladrões e os exploradores do povo, satisfazendo-se em imaginação em vê-lo o mais sangrento e destruidor. [...] Sua postura é a do espectador que aplaude o espetáculo. Enquanto este não começa, comenta-o, como se faz no teatro quando se aguarda o início de uma peça famosa.”

“A ingenuidade dessa conduta consiste em pretender reduzir a multiplicidade dos problemas a um só, admitindo que desaparecerão automaticamente, ou ao menos se amenizarão, desde que aquele, considerado essencial seja resolvido. [...] para a compreensão ingênua os males de que a nação padece tem uma só raiz, uma só causa.” [...]

“Este vezo se observa com significativa frequência na mentalidade dos técnicos. Como especialistas, estão afeitos ao trato constante de um aspecto parcial do mundo, e de tanto se interessar por ele, acabam convertendo os demais em secundários e dependentes.”

“Assim, por exemplo, a alguns aparece como decisiva a ideia de raça [...]. Outros elegem o clima tropical como ideia obsessiva, de que fazem depender todas as dificuldades como que nos defrontamos. Outros, a alma ou o caráter do povo, de que aliás não tem opinião muito favorável [...]. Alguns chegam até a acusar a imensidade territorial como se fosse um mal de que padecêssemos [...]. Toda vez que depararmos com explicações do conjunto

da realidade nacional a partir de uma só ideia, seja esta qual for, podemos ter a certeza de estarmos em presença de uma manifestação de ingenuidade.”

“A realidade é por demais ampla e variada para caber na limitadíssima rede de ideias gerais de seu se utiliza a forma primária de pensar. [...] A pobreza de conceitos é feição indiscutível do pensamento simplista. Curioso é que disso se orgulha muitas vezes, por julgar tratar-se da legítima redução lógica do real [...].”

“Sendo emocional, impressionista e por isso ilógica, a consciência malformada é, por natureza, precipitada. Profere julgamentos sem nenhum respeito pela necessária fundamentação. [...] Em presença a um acontecimento ou em relação a uma pessoa, [...] manifesta a sua apreciação pela atribuição de qualificativos quase sempre deprimentes, logo a seguir admitidos como julgamentos objetivos. [...] ... qualifica o indivíduo como ‘ladrão’, ‘canalha’, ‘negocista’, ‘traidor’, ‘vendido ao capital americano’, ‘a serviço de Moscou’ etc. [...] São uma variedade da forma inautêntica de falar, o ‘falatório’, a que se referem alguns filósofos contemporâneos, ao fazerem a analítica existencial.”

“A propensão a lançar sempre um qualificativo aos indivíduos, elogiosos menos amiúde, calunioso ou infamante quase sempre, resulta do total descomprometimento com a realidade, por motivo da falta de compreensão do autêntico falar. Nada lhe custa ofender, porque não tem o que respeitar, nem a pessoa a quem ofende, por suposto, nem a exatidão do conceito que aplica, porque não a reconhece.”

Em seguida, a partir do vigésimo traço da consciência ingênua, pode-se distinguir um novo conjunto de características que, embora continuem a descrição de sua *weltanschauung*, também dá ênfase a uma dimensão específica, analisando, particularmente, tanto a sua

desinteligência sobre a mobilidade e a dinâmica da realidade histórica quanto sua repulsa à impermanência temporal.

Esse terceiro grupo de qualidades do espírito pueril reúne as seguintes características: 20. Crença na imutabilidade dos padrões de valor; 21. Desprezo pela liberdade; 22. Intelectualismo na concepção dos problemas sociais; 23. Culto ao bom senso; 24. Defesa do progresso moderado; 25. Ignorância do potencial político na atuação internacional; 26. Visão romântica da História; 27. Romantismo na concepção das relações econômicas e políticas; 28. Pessimismo; 29. Ufanismo; 30. Saudosismo; 31. Primarismo político; 32. Ambiguidade e conciliação de ideias incompatíveis.

Juntos, tais caracteres exibem a radicalidade do antagonismo entre a consciência ingênua e a consciência crítica e respondem a esta indagação: **por que a consciência ingênua ignora a dinâmica e a mobilidade histórica da realidade?**

“Para este pensamento existe uma ordem de valores éticos, estéticos, sociais, religiosos etc., dotados de vigência eterna, perfeita e imutável. O valor existe por si, absolutamente. Sua essência implica a existência, é independente do tempo e das circunstâncias.”

“Segura de estar de posse da norma eterna, seu papel social é aplicá-la inflexivelmente. Cumpra-lhe decidir do bem e do mal, tem o poder de decretar o certo e o errado, escolher entre o belo e o hediondo, separar o honesto do impudico. Traz em mão o código implacável que vale hoje o mesmo que valeu outrora e valerá no porvir, [...]. Vista por esse ângulo, a consciência ingênua revela ainda uma vez seu caráter absolutista.”

“Na sua essência, este traço expõe a contradição inerente à consciência simplista, que, por um lado, cultua em tropos grandiloquentes o ideal da liberdade como valor supremo, mas, por outro lado, mostra-se autoritária e intolerante quanto ao exercício individual da mesma liberdade.”

“Por isso, logo que o outro, no uso da sua liberdade, pratica ações que lhe contrariam os interesses ou as crenças, a consciência elementar caça-lhe o direito que, segundo diz, não soube exercer.”

“Vemos, portanto, que os traços de fácil apelo à violência, de exasperação e vociferação, [...] se conjugam com a tendência a recusar aos outros o direito de pensar e agir de modo diverso do julgado verdadeiro. Estamos agora em condições de perceber em que fundamento assentam aquelas diversas manifestações [...]: repousam todas sobre a crença na eternidade e imobilidade dos valores. É, pois, o mesmo espírito antidialético e anti-histórico, [...], que anima todos os seus comportamentos.”

“Segundo este modo de pensar, os males da sociedade são fundamentalmente de ordem intelectual, tem sua causa última na confusão das ideias, [...], obstando, assim, a que a comunidade se organiza de acordo com o plano racional que, caso fosse entendido e seguido, viria solucionar problemas que não devem sua afluência

realidade senão à ignorância generalizada. [...] A desordem da razão instala necessariamente a desordem moral. Esta, por sua vez, acarreta a deterioração política. [...] Se assim é, a sociedade não subsistirá se não encontrar no seu seio pequeno grupo de pensadores políticos, de filósofos, encarregados de fornecer-lhe as ideias claras de que o povo se deve alimentar. [...] Consequentemente, a reforma da sociedade há de fazer-se por meio da reforma da inteligência. [...] A reforma da sociedade deve vir ‘de cima’, a rigor basta fazer-se nas camadas dirigentes. [...] O problema social cifra-se, pois, no conhecimento, por parte das classes superiores, das leis naturais que regem a sociedade. É questão de inteligência, de compreensão exata, de ciência. Quanto aos outros, os que, por ocuparem posição inferiores, não dispõem de poder de comando, mas se acham em situação de obediência, aceitarão com prazerosa docilidade a supremacia e o governo da elite, desde que para isso sejam educados. completa-se, com este último aspecto, o esquema da concepção intelectualista da consciência social, [...]. A mentalidade primária, imbuída do preconceito intelectualista, que na prática lhe assegura a supremacia dos seus interesses, apela para a educação como instrumento para obter a obediência dos que não pertencem à classe superior. [...] ..., reduzindo assim a educação a um processo persuasivo, destinado a impor os pontos-de-vista da classe culta com função dirigente. Supõe que esta atitude é moral e justificada, porque a massa, como tal, não tem compreensão alguma, é o puro disponível às ideias, e quando julga que as produz não faz mais do que desorientar-se no regime de anarquia e confusão.”

“Segundo crê, a realidade é simples, os ‘intelectuais’ é que a complicam. Os problemas do País, afinal de contas, são elementares, basta possuir mediano bom-senso para ver o que é preciso fazer. Ora, esse bom-senso a consciência ingênua pensa possuir. [...] Um primeiro grupo de representantes desta mentalidade é composto por pessoas evidentemente de formação intelectual mínima. [...] Seu atrativo está em dar ao não instruídos um fundamento para manifestar-se, envaidece a ignorância, apresentando-a como estado virginal do espírito, onde teria exercício desimpedido uma intuição compreensiva, espontânea, [...]. Um segundo grupo adota este mesmo comportamento não por primarismo, mas por desespero. [...] São pessoas que julgam ter procurado por toda a parte a verdade e o caminho, mas não a achando, desanimam do poder da razão [...] e concluem só haver salvação na espontaneidade. [...] Neste caso, o culto ao bom-senso origina uma completa doutrina da realidade, consistindo em acreditar na ordem espontânea da sociedade, [...]. O homem e a natureza compõem de direito um conjunto harmonioso, infelizmente destruído pela inconsciência e maldade de alguns que, [...], introduziram a frenética corrida de interesses, a sofreguidão de riqueza e a sede de poder [...]. O bom senso era a faculdade cognoscitiva que correspondia a esse estado harmônico, e por isso só apelando novamente para os seus ditames será lícito esperar a recuperação da ordem natural perdida.”

“O desprezo pela ciência, embora não confessado em termos crus, é uma das faces da consciência ingênua.”

“Compraz-se o irracionalismo ingênuo em apontar as margens da ignorância do conhecimento [científico] [...]”

“É flagrante ver como a ironia é o comportamento adotado pela consciência ingênua para se referir à ciência, em geral. Na verdade, julga-se superior à ciência e por isso tem o direito de tratá-la desta maneira, que é de efetivo desprezo [...]”

“[...] teoria ingênua do desenvolvimento resume-se em dizer que a consciência primária acredita no crescimento nacional espontâneo. [...] O crescimento nacional é vegetativo, [...]. O processo é automático, pré-existe ao indivíduo, impondo-lhe suas leis e seu ritmo.”

“Não acredita em planos de conjunto, em direção econômica do processo nacional, em projetos complexos e de demorado acabamento, porque tudo isso lhe parece intervenção desnecessária num movimento que se faz de qualquer modo, [...] ‘O Brasil cresce durante a noite’. É a teoria do desenvolvimento espontâneo, do não reconhecimento do papel regulador e promotor exercido pelo homem. Ao ver dessa mentalidade, o que para nós forma o conjunto de realizações do passado, foi produto de uma feliz sucessão de oportunidades históricas, [...]. Julgam que o planejamento da ação ou a empresa colossal violam a lei das oportunidades. [...] As obras excepcionais são tentativas de forçar a história a acelerar o passo, a aceitar já a realização do que só deveria vir mais tarde, [...]. A audácia criadora é considerada infantilidade, precipitação, ‘ingenuidade’”

“As comparações internacionais mal compreendidas arrastam a consciência simples [...] a fixar o atraso patenteado naqueles confrontos, a considerá-lo como

situação definitiva. Tomado o dado numérico e ocultada a sua relação com o processo nacional, desaparece a função significativa, pois deixa de ser sinal do estado do país para se reduzir a um puro número. [...] A mais nociva talvez dessas distorções é a que oblitera o nosso senso de comunidade com as demais nações subdesenvolvidas. Pelo vezo repetido de só nos avaliarmos em confronto com os ricos, deixamos de perceber a comunidade da nossa situação com a de muitos outros países em estágio histórico semelhante ao nosso.”

“[...] supor que a história de uma comunidade nacional, ou a do mundo, é um movimento conjunto presidido ou governado por uma força superior, uma vontade divina ou um destino fatal [...]. Os fatos revestem-se de duplo significado, produzem-se simultaneamente em dois planos, o do acontecer visível, empírico, [...] e o do acontecer invisível, cumprimento da determinação transcendente. [...] a história se converte em domínio de total irracionalidade; [...]”

“É evidente que não pretendemos menosprezar o papel do homem comum na promoção da realidade social, nem o das individualidades proeminentes. Trata-se, tão-só, de denunciar o erro representado pela ocultação dos fatores materiais no curso da história. O homem faz a história, mas não a faz por capricho ou ao sabor de suas disposições subjetivas. Faz porque está submetido a um mundo circundante, onde fenômenos múltiplos se passam, causados uns por outros, segundo relações inerentes ao processo geral e porque é capaz de apropriar-se, graças à reflexão consciente, das determinações daqueles

fenômenos, e com isso produzi-los ou dirigi-los em proveito próprio.”

“Ao representarmos o dinamismo do processo como desempenho de agentes individuais condicionados, estamos de certo modo reconhecendo a transformação do acontecer natural em história e ao mesmo tempo destacando o papel da vontade humana na criação do curso histórico.”

“De todas essas confusões o resultado é uniforme: a consciência ingênua tem para com a realidade econômica uma atitude de absoluta incompreensão. [...] Desprovida da percepção justa, a consciência primária derrama-se em juízos cândidos, tão variados que é impossível passá-los em revista, mas todos reveladores da mesma opacidade ao caráter objetivo das ocorrências econômicas.”

“[...] romantismo econômico, pois, é mais danoso nos países, como o nosso, que necessitam empregar com lucidez toda a sua inteligência para compreender a realidade material, que visam modificar, a fim de oferecer condições de vida mais humanas às suas populações.”

“É disposição típica da consciência primária, e consiste na perspectiva sobre o real nacional, que o vê somente na dimensão catastrófica. [...] O futuro que nos espera é certamente tenebroso. Não é possível dizer com exatidão em que consistirá, mas se ainda não se desenha claramente no espírito dos homens bem formados, já é sentido sem dúvidas no seu coração. Marchamos aceleradamente para o caos, para a *debacle* econômica, para as lutas sociais, a guerra civil, a servidão das ditaduras libertíssimas. [...] Estabelece-se assim um estado de espírito de pessimismo crônico, de mau humor histórico, de

tendência ao pânico, em razão do qual os fatos não são recebidos com naturalidade, porque antecipadamente vem marcados pelo sinal aziago da tragédia.”

“Nesse vocábulo condensamos um conjunto de demonstrações de consciência cuja característica central é a satisfação com a realidade. Trata-se do estado de um espírito satisfeito com o mundo que lhe é dado, contente por achar-se tal como é, com ser o reflexo de um ambiente nacional em que se deleita. [...] Sem dúvida, não é tanto a percepção da excelência do que está realizado que justifica esta euforia, nem o ufanismo consiste na glorificação das condições existentes, antes é inteiramente compatível com o reconhecimento de múltiplas insuficiências e aspectos negativos na realidade do País. O que constitui por essência é a acentuação da perfeição potencial, a tal ponto que faz desaparecer as fronteiras entre o real e o possível, [...]. Considerando em conjunto, o que está feito e o que pode ser feito, o último é tão grandioso que termina por ofuscar a consciência, esvaindo-se na distância, como real menor, o real atual, levando-a a conceber objetivamente o mundo somente sob as espécies do futuro. [...] O espírito transporta-se da existência de fato para a expectativa de existência, mediante a especulação sobre os aspectos potenciais da realidade, entregues à imaginação fantasiosa. É a transfiguração do presente, reduzido ao estado de simples suporte do imaginário.”

“O ufanismo é o sentimento precipitado do futuro visto sempre na forma de existência magnífica, que haveremos de ter, simplesmente por que tal é o destino que nos aguarda.”

“A consciência ingênua pretende, assim, converter o saudosismo em categoria prática, para o fim de estimular, por via imaginativa, esforços capazes de restaurar efetivamente o essencial da realidade passada.”

“[...] o pensamento saudosista acredita ter restabelecido o quadro fidedigno da existência anterior e poder apresentá-lo assim fixado, como paradigma para o dia de hoje. [...] A imagem imóvel do vivido anterior opõem-se, assim, à mobilidade do vivido atual. A consciência ingênua contrapõe, erroneamente, a variação do tempo presente, único que lhe parece haver transformações, à invariância do passado, esquecida de que também ele foi tempo de mudança.”

“[...] a condição de existência generalizada da mentalidade primária e, conseqüentemente, de seu domínio político é a permanência do país nas fases rudimentares do processo de desenvolvimento.”

“De todo modo, é preciso admitir que a derrota da consciência crítica incipiente é sempre possível e não há que contar com nenhum automatismo. [...] Enquanto o país estiver vivendo os períodos iniciais da luta

pela libertação econômica, não deve julgar-se imune ao retrocesso [...]”

“O pensamento ingênuo encontra-se nesta situação paradoxal: defende com vibrante entusiasmo certas proposições e pontos-de-vista doutrinários, mas, ao mesmo tempo, está sempre pronto a harmonizá-los com posições ideológicas diferentes ou opostas, desde que não lhe sejam exigidas as justificativas teóricas dessa acomodação. A verdadeira razão está, como sabemos, na superficialidade com que aceita tanto umas como outras das aludidas posições, [...]. Não tolera o aprofundamento das ideias, o exame dos seus motivos e conseqüências, pois lhe parecem exercícios apenas especulativos, e o que lhe importa é o que chama de ‘prática’.”

É assim que se constitui no plano social a curiosa figura do retrógrado progressista. [...] É partidário decidido do progresso e da emancipação do país, mas não compreende que se alterem as ideias tradicionais. Trata-se na verdade de nova versão do velho liberalismo, essa doutrina indefinida que permite a defesa de qualquer ideia e a prática de qualquer ação.”

Finalmente, a “Recusa da atribuição de ingenuidade” é o último e trigésimo terceiro traço da consciência inocente<sup>10</sup>. Trata-se de um traço distinto dos demais porque descreve a autopercepção da consciência ingênua em sua interação com o outro modo de consciência. Ao contrário das outras trinta e duas características anteriores, que se referem aos atos da consciência — a intencionalidade / ato da *visada*, analisado nos cinco primeiros traços — ou às suas representações do mundo — a *visão* objetivada, que Vieira Pinto examinou da sexta até a trigésima segunda característica —, essa derradeira qualidade do espírito despreparado

---

<sup>10</sup> Como é o último traço da consciência cândida também é o prenúncio do próximo volume de CRN, que trata das categorias constitutivas da consciência crítica. Em breve, pretendo publicar outra apostila didática para sintetizar e divulgar o segundo volume de *Consciência e Realidade Nacional (A consciência crítica)*.

consiste numa espécie de *fenomenologia da intersubjetividade*, i.é, consiste numa análise dos vínculos entre as diversas consciências, que identifica a inabilidade da consciência ingênua para se auto compreender como partícipe de um mundo relacional.

Em exata oposição ao aforismo délfico “Conhece-te a ti mesmo”, a consciência pueril ignora si própria; é obtusa — pois não admite tal desconhecimento —; e ainda por cima, desqualifica qualquer manifestação de alteridade desvalorizando o antagonismo ou o contraditório daqueles que se lhe opõem. Tais características inviabilizam as chances de haver entendimento entre ela e a consciência crítica. E esse é um dos piores obstáculos para o êxito das intenções do filósofo, que pretende manter diálogo com a consciência desocupada<sup>11</sup>. O problema que Vieira Pinto enfrenta, portanto, consiste numa tentativa para escapar de um perverso jogo de espelhos, já que ambas as modalidades de consciência podem cair na esterilidade das acusações mútuas e recíprocas. Dessa forma, a questão a ser respondida é: **como manter diálogo com uma consciência obtusa?**

“Nenhuma consciência existe isolada, em face apenas do mundo de objetos. Tanto quanto é evidente a presença destes também é a de outras consciências, que simultaneamente nos apreendem. [...] Em princípio, pois, a existência de outra representação, que não a minha, é um dado da minha percepção, incluído necessariamente na interpretação geral que faço da realidade.”

“Não se trata apenas de ver o mundo, mas de ver o mundo enquanto visto também por outro.”

“A opinião do outro aparece-me com frequência como resistência ao meu projeto; quando tal se dá, não a considero como fato pertencente à subjetividade do espírito alheio, mas dado concreto da realidade objetiva. O mundo me aparece feito de tal

modo que nele as pessoas não pensam da mesma maneira que eu [...]”

“A explicação ingênua de tal situação é, como não podia deixar de ser, superficial e inadequada. [...] Limita-se, com efeito, a atribuir a forma oposta à ignorância, à má-fé, ao pedantismo filosófico, à subserviência a interesses inconfessáveis etc. [...] A mentalidade simplória quando atribui caráter de ingenuidade ao pensamento crítico não o faz porque se considere crítica, mas porque se julga normal. Não vê na dualidade de modos de pensar possibilidade inerentes ao processo epistemológico, em vista das quais cada um capta, e outro não, os seus suportes e a eles se refere. Toma essa dualidade pela alternativa entre o normal e o anormal, o bom e o mau uso do pensamento, o honesto e o pervertido. [...] De antemão elimina o

---

<sup>11</sup> Recentemente, por caminhos próprios, mobilizando um repertório teórico-conceitual distinto e com prognósticos diferentes, a filósofa Marcia TIBURI publicou livro de divulgação filosófica abordando problema semelhante. E ao explicar as suas intenções autorais, ela declarou: [em] “*Como conversar com um fascista* me refiro ao fascismo enquanto formação subjetiva da personalidade, enquanto característica do ser humano ordinário, no mesmo sentido em que Theodor Adorno referiu-se à “Personalidade autoritária” que estava na base do tipo humano do ‘fascista em potencial’” In Prefácio da 13ª edição de *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/como-conversar-com-um-fascista-tres-anos-depois/>



diálogo e a comunicação. Pois, ao seu entender, não se trata de discutir a posição alheia, [...], mas de interessar-se por um comportamento que considera impuro e, muitas vezes, fraudulento.”

“Mostrada a existência inevitável de um jogo de reflexos entre as formas da consciência, a resolução da aparente igualdade entre ambas se faz meditando em que, se a diferença entre elas é real, enquanto modos de representar o mundo, devem conduzir a atitudes práticas diferentes. Sendo uma a consciência desprovida do reconhecimento da

vinculação aos fatos, motivo pelo qual se considera livre de emitir os julgamentos que mais agradam à sua disposição emocional, é evidente não poder dar origem a ações de pleno rendimento. A outra, ao contrário, representando corretamente a sua dependência do mundo objetivo, responde à realidade com atos que se enquadram na contextura das coisas. [...] Na hora da ação, se a realidade nacional já atingiu suficiente grau de desenvolvimento, o comportamento de uma não é equivalente ao da outra.”

### Fenomenologia da consciência ingênua – CRN/1

| Questão  | Características                                | Páginas   |
|--|--|-----------|
| Como a consciência ingênua percebe o mundo?<br><br><b>Intencionalidade</b>           | 1. Caráter sensitivo                           | 162 – 166 |
|  | 2. Caráter impressionista                      | 167 – 169 |
|  | 3. Condicionamento pelo âmbito individual      | 170 – 172 |
|  | 4. Absolutização da sua posição                | 173 – 177 |
|  | 5. Incoerência lógica                          | 178 – 182 |
| Como a consciência ingênua se comporta e está no mundo?<br><br><b>Weltanschauung</b> | 6. Irascibilidade                              | 183 – 188 |
|  | 7. Incapacidade de dialogar                    | 188 – 192 |
|  | 8. Pedantismo                                  | 193 – 210 |
|  | 9. Ausência de compreensão unitária            | 211 – 216 |
|  | 10. Incapacidade de atuação ordenada           | 217 – 220 |
|  | 11. Moralismo                                  | 221 – 228 |
|  | 12. Idealização dos dados concretos            | 229 – 231 |
|  | 13. Apelo à violência                          | 231 – 237 |
|  | 14. Desprezo pela massa                        | 238 – 246 |
|  | 15. Culto ao herói salvador                    | 247 – 255 |
|  | 16. Messianismo da revolução                   | 256 – 259 |
|  | 17. Admissão da existência de problema supremo | 260 – 266 |
|  | 18. Coisificação das ideias                    | 267 – 271 |

|   |   |           |
|---|---|-----------|
|   | 19. Maledicência e precipitação de julgamento                   | 272 – 279 |
|   | 20. Crença na imutabilidade dos padrões de valor                | 280 – 287 |
|   | 21. Desprezo pela liberdade                                     | 288 – 294 |
|   | 22. Intelectualismo na concepção dos problemas sociais          | 295 – 302 |
|   | 23. Culto ao bom senso  | 303 – 312 |
| Por que a consciência ingênua ignora a dinâmica histórica da realidade? | 24. Defesa do progresso moderado                                | 313 – 324 |
|   | 25. Ignorância do potencial político na atuação internacional   | 325 – 334 |
|   | 26. Visão romântica da História                                 | 335 – 347 |
|   | 27. Romantismo na concepção das relações econômicas e políticas | 348 – 356 |
| <b>Weltanschauung<br/>Historicidade</b>                                 | 28. Pessimismo  | 357 – 366 |
|   | 29. Ufanismo  | 367 – 373 |
|   | 30. Saudosismo  | 374 – 382 |
|   | 31. Primarismo político   | 383 – 401 |
|   | 32. Ambiguidade e conciliação de ideias incompatíveis           | 402 – 215 |
| Como dialogar com a consciência ingênua?                                | 33. Recusa da atribuição de ingenuidade                         | 416 – 432 |
| <b>Intersubjetividade</b>   |   |           |

Essa extensa fenomenologia do ser-no-mundo da consciência ingênua também possui efeitos heurísticos, pavimentando o caminho para a constituição da consciência autêntica. Porque tanto consiste numa crítica (negativa) às formas de pensar e agir da consciência despreparada quanto, simultaneamente, também estabelece as condições de possibilidades fáticas e cognitivas, i.é, ontológicas e epistêmicas, para o surgimento e a auto compreensão (positiva) da consciência crítica.

E isso significa que para cada uma das trinta e três características típicas do ser-no-mundo da consciência ingênua, existem aspectos contrários e correspondentes, que descrevem a lógica e o ser-no-mundo da consciência que lhe é antagônica. Inspirada no criticismo kantiano; sob a luz da dialética hegeliana acerca da fenomenologia do espírito; e, principalmente, tributária da fenomenologia descritiva de E. Husserl — de resto, uma das vertentes do criticismo filosófico —, a dupla *démarche* dessa estratégia de formulação teórico filosófica permite que Álvaro Vieira Pinto postule, em antagonismo à consciência infantil, os fundamentos lógicos da consciência crítica ao mesmo tempo em que descreve o efetivo e concreto enraizamento de ambas na realidade nacional.

“Só descrevemos os traços específicos da consciência primária para saber com certeza quando estamos pensando com rigor crítico.” [...] “A consciência crítica combate contra a ingenuidade não para eliminá-la de todo, mas para se constituir a si própria, com relação a assuntos nos quais a escolha entre ambas significa justa ou errônea interpretação da realidade, e, portanto, ação eficaz ou ineficiente.” (CRN/I, 425 – 426)

É por isso que *Consciência e Realidade* não consiste numa incursão puramente teórica. Longe de ser a “crítica da razão despreparada”, um tratado epistemológico acerca das faculdades (i)lógicas que *a priori*, e necessariamente, fundamentariam o *cogito*, a fenomenologia em Vieira Pinto revela-se como um caminho (leia-se: um método) para a descrição do mundo — digo, descrição da realidade nacional. **Porque antes de toda lógica, há um mundo; e nele uma consciência emerge.** Daí que sua obra se exiba como um exaustivo inventário das efetivas e concretas manifestações da consciência primária, que tanto descreve o mundo — compreendido como teatro babélico de disputas entre (des)inteligências — quanto o surgimento e o antagonismo das consciências que nele habitam<sup>12</sup>.

Nesse sentido, se tomados em conjunto, ambos os volumes de *Consciência e Realidade Nacional* vocalizam o *dia - logos* (= dois *logos*) entre essas duas modalidades de consciência que rivalizam pela prerrogativa de melhor interpretar os seres e haveres do mundo. Noutras palavras, o **livro encerra um conflito de interpretações**, uma polêmica hermenêutica acerca da realidade brasileira. E sem se confundir com um libelo acusatório, nem se transformar num duelo entre os eruditos esclarecidos contra a tolice dos néscios (o que seria completamente infantil), se esforça, honestamente, para compreender (abrange & entender) os modos de ser-no-mundo, as formas de raciocínio ou percepção, as características comportamentais da consciência que se lhe opõe. (Muito bem: em si mesma, essa atitude autoral empática revela um traço cognoscente típico da consciência crítica — afinal, ela é reflexiva; ao contrário da consciência ingênua que é vociferante, só deblatera e não sabe argumentar.)

De tudo isso resulta que *Consciência e Realidade Nacional* oferece para os leitores a possibilidade de observar, compreender e analisar um cenário de disputas e controvérsias entre duas consciências desiguais (uma inapta; outra apta), que protagonizam um conflito de interpretações sobre a realidade brasileira. Os efeitos

---

<sup>12</sup> No segundo volume de CRN, Vieira postula isso com clareza: “...a realidade é constituída por um tecido de contradições, de situações antagônicas, em luta indefinida. Com base em cada uma dessas situações geram-se representações subjetivas, ideias, valores, ideais, que se opõem às que se alicerçam nas situações contrárias às primeiras.” (CRN/2, 95). “A racionalidade do mundo não se exprime num universo de ideias eternas e de valores absolutos, mas num tumultuoso entrechoque de forças reais contraditórias, que determinam o modo de pensar dos homens.” (CRN/2, 112)



Volto a repetir que a experiência da leitura de CRN, à semelhança das formas artísticas que romperam com a intenção figurativa e representacional<sup>15</sup>, possui caráter tético — uma vez que os dispositivos da obra (i.é: a linguagem coloquial, a estrutura dialógica, a marcha e a repetição argumentativa etc...) convidam ao engajamento, chamando os leitores a efetiva realização de uma performance, que resulta num ativo e concreto processo de conversão da consciência.

A ousadia intelectual de *Consciência e Realidade* residiu no fato de a obra se oferecer ao homem ordinário como um convite à reflexão filosófica, mas, além disso, no primeiro volume, o seu objeto de análise incide sobre a própria consciência inautêntica. Com efeito, ao invés de desqualificar as insuficiências cognitivas da inteligência comum, assumindo uma atitude arrogante, como se pretendesse conceder luzes para esclarecer ao homem ordinário, a **obra de Vieira Pinto chafurda pelos (des)caminhos da desrazão conduzindo o leitor a uma nova percepção sobre a realidade e, conseqüentemente, a um lento e progressivo processo de conversão da consciência ingênua em crítica.**

Já explorei os aspectos textuais de CRN em *Esperança e Democracia*. Mas, agora, também preciso salientar que o cenário do conflito de interpretações sobre a realidade nacional que se exhibe em suas páginas é expressivo de um contexto social e circunstâncias históricas bastante singulares.

## II

“A transmutação das fontes, dos modelos do pensar, que configuram a consciência da massa não se faz, pois, pela interferência das elites, mas ocorre tão-somente como consequência do movimento próprio do processo da realidade.” (CRN/I, 108)

*Consciência e Realidade Nacional* foi publicado em meio a uma conjuntura aquecida por inúmeras polêmicas. No início dos anos 1960, a sociedade brasileira estava convulsionada por profundas transformações econômicas, demográficas, sociais; por

---

<sup>14</sup> “*Theorós* significa, como se sabe, aquele que participa de uma delegação festiva. Os que participavam desta categoria de delegações não tinham outra qualificação e função senão a de estar presente. *Theorós* é, pois, o expectador no sentido mais autêntico da palavra, que participa do ato festivo por sua presença e assim obtém a sua caracterização jurídico-sacral, por exemplo, sua imunidade [...]. [...] a *theoría* não deve ser pensada como um comportamento subjetivo, como se fosse uma autodeterminação do sujeito, mas sim a partir do que se exhibe à contemplação. *Theoría* é verdadeira participação, não [mera] atividade, mas um sofrer (*pathos*), isto é, um ser que está atraído e possuído pela visão da cena contemplada.” Tradução livre de Hans-Georg GADAMER. *Verdad y Metodo. Fundamentos de una hermenéutica filosófica*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1988, p. 169.

<sup>15</sup> N. CÔRTEZ. “Anti-mimesis: despojamento, diálogo, democracia”. In *Revista Estudos Históricos*, RJ, n. 30 (Arte e História), 2002, pp. 91-109. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/333.pdf>

# RU

## aspectos sociológicos

Coligida por Mônica de R. W.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

...de uma nova ordem, tornando-se objeto de um novo planejamento social, econômico e político. A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

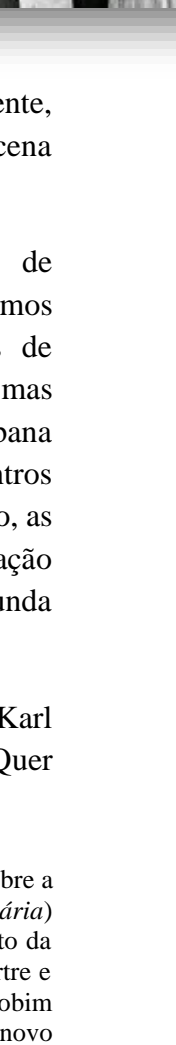
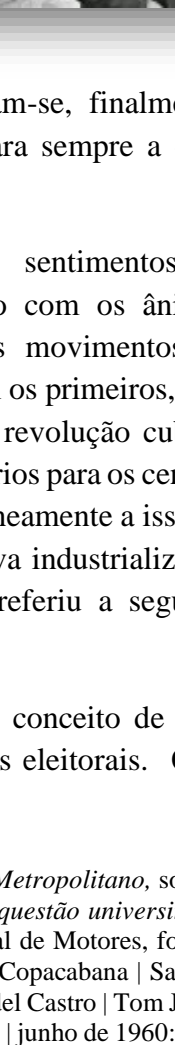
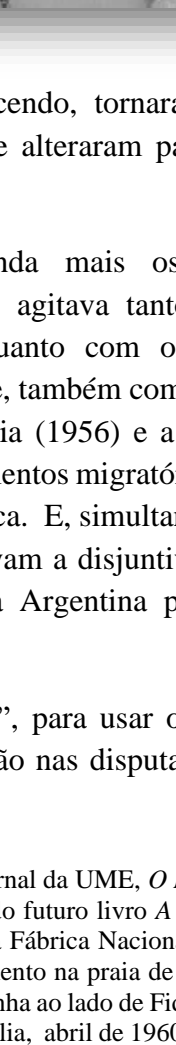
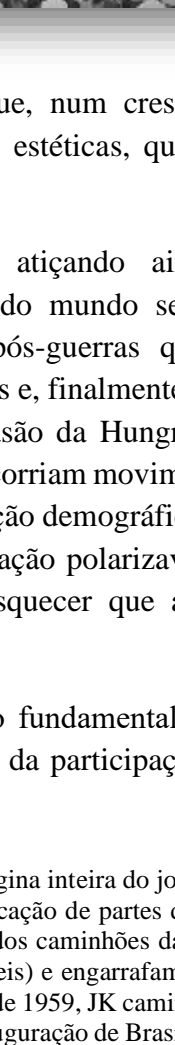
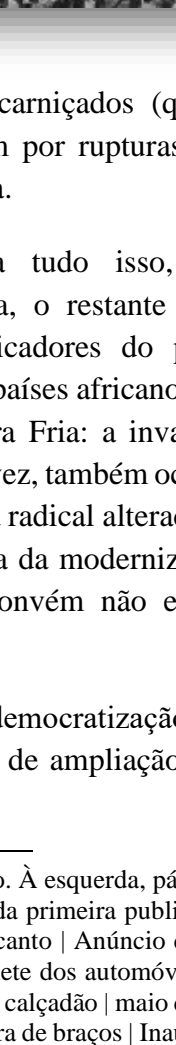
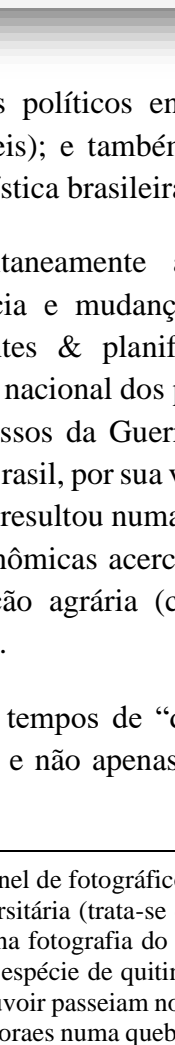
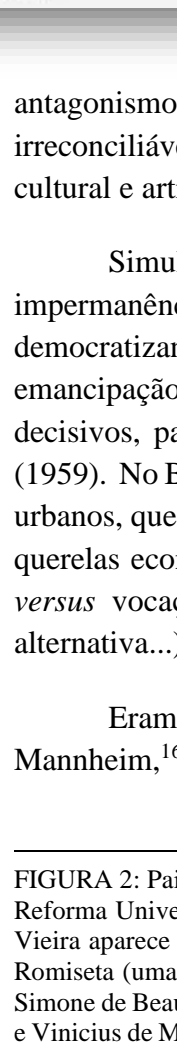
A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.

**Reforma e mudança**

A reforma universitária, portanto, não se trata de uma reforma meramente administrativa, mas de uma reforma estrutural, que visa a transformar a universidade em um instrumento de desenvolvimento social e econômico do país.



antagonismos políticos encarniçados (que, num crescendo, tornaram-se, finalmente, irreconciliáveis); e também por rupturas estéticas, que alteraram para sempre a cena cultural e artística brasileira.

Simultaneamente a tudo isso, atizando ainda mais os sentimentos de impermanência e mudança, o restante do mundo se agitava tanto com os ânimos democratizantes & planejadores do pós-guerras quanto com os movimentos de emancipação nacional dos países africanos e, finalmente, também com os primeiros, mas decisivos, passos da Guerra Fria: a invasão da Hungria (1956) e a revolução cubana (1959). No Brasil, por sua vez, também ocorriam movimentos migratórios para os centros urbanos, que resultou numa radical alteração demográfica. E, simultaneamente a isso, as querelas econômicas acerca da modernização polarizavam a disjuntiva industrialização versus vocação agrária (convém não esquecer que a Argentina preferiu a segunda alternativa...).

Eram tempos de “democratização fundamental”, para usar o conceito de Karl Mannheim,<sup>16</sup> e não apenas de ampliação da participação nas disputas eleitorais. Quer

FIGURA 2: Painel de fotográfico. À esquerda, página inteira do jornal da UME, *O Metropolitano*, sobre a Reforma Universitária (trata-se da primeira publicação de partes do futuro livro *A questão universitária*) Vieira aparece na fotografia do canto | Anúncio dos caminhões da Fábrica Nacional de Motores, foto da Romiseta (uma espécie de quitinete dos automóveis) e engarrafamento na praia de Copacabana | Sartre e Simone de Beauvoir passeiam no calçadão | maio de 1959, JK caminha ao lado de Fidel Castro | Tom Jobim e Vinicius de Moraes numa quebra de braços | Inauguração de Brasília, abril de 1960 | junho de 1960: novo

dizer, assistia-se à emergência de novos protagonistas sociais (indivíduos desgarrados dos antigos vínculos clânicos rurais), cujas presenças, juntamente com as suas inéditas demandas econômicas, culturais ou sociais, pressionavam pela inclusão/dilatação do espaço público e passaram a orientar a pauta de interesses da vida política, que por sua vez organizava-se segundo um sistema eleitoral de representação democrática.

As tensões derivadas dessa conjunção explosiva (irrupção de novos atores sociais desgarrados + sistema eleitoral e representação política democráticos) não caracterizaram apenas a sociedade brasileira. Em verdade, toda a história do século XIX europeu foi marcada pelo surgimento das maiorias — fenômeno que depois, já em plena crise modernista, passou a ser depreciativamente chamado de *Rebelião das Massas*, título do mais célebre livro de José Ortega y Gasset publicado em Madri no fins dos anos 1920<sup>17</sup>.

No Brasil das décadas de 1950 – 1960, vários intelectuais também identificaram o fenômeno do surgimento das massas na cena pública. E, nesse sentido, Álvaro Vieira Pinto estava em companhia de Nelson Rodrigues, Guerreiro Ramos, Gustavo Corção, Nelson Werneck Sodré, Paulo Freire dentre muitos outros... É claro que as suas percepções não os irmanavam; afinal, dentre eles existia um amplo espectro ideológico (dos reacionários de direita aos radicais das esquerdas) e tanto havia entusiasmo quanto verdadeira ojeriza<sup>18</sup> em face a emergência social e política dessa gente vulgar e desgarrada... esse povo moreno e desdentado, digamos assim.

---

governo do Zaire, liderado pelo 1º Ministro Patrice Lumumba | dezembro de 1961, independência da Tanzânia.

<sup>16</sup> Em meados dos anos 1970, Paulo FREIRE mobiliza esse conceito de Mannheim e, ao descrever os acontecimentos da década anterior, afirma: “Estando a sociedade brasileira em transição, havia se instalado entre nós o fenômeno que Mannheim chama de “democratização fundamental”, que implica uma crescente participação do povo em seu processo histórico. O povo se encontrava na fase anterior de isolamento da nossa sociedade *imerso* no processo. Com a ruptura da sociedade e sua entrada em transição, *emerge*. Imerso era apenas espectador do processo; *emergindo*, descruza os braços, renuncia a ser simples espectador e exige participação.” *Educação e Mudança*. SP: Paz e Terra, 2011. | Quanto à proximidade intelectual entre Freire e Mannheim, ver Vanilda PAIVA. “Sobre a influência de Mannheim na pedagogia de P. Freire. In *Síntese política econômica e social*. 14, s/d. Disponível em <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1612> | Para uma perspectiva política do conceito de democratização, cf. os estudos de Cesar GUIMARAES. *Uma antologia de textos políticos*. Thais F. AGUIAR et alii (org.) Curitiba: Appris, 2019.

<sup>17</sup> Ademais, a essa constelação de eventos modernizantes também se acrescenta outro elemento: o ímpeto disruptivo, futurista e novidadeiro que grassou em todas as manifestações artísticas da geração bossa-nova. Pertencente à geração bossa-nova, Álvaro Vieira Pinto compartilhava com Ferreira Gullar, Lígia Clarck, Guimarães Rosa, Guerreiro Ramos, , Oscar Niemeyer, Mário Pedrosa, Campos de Carvalho, Tom Jobim e Vinicius de Moraes etc. das mesmas utopias sociais e sensibilidade estética, que estavam igualmente marcadas pela valorização da simplicidade, por princípios igualitários e anti-hieráticos, pelo despojamento expressivo, pela renúncia à mimese ou à representação naturalista, pela frequentação de um território marcado por desrazão e ludicidade. Sobre ludicidade, ver N. CORTES. “Desrazão e ludicidade em Nelson Rodrigues, Campos de Carvalho e Guimarães Rosa”. In *Revista Intellectus*, Ano XV, número 2, 2016, p 94-110. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/26664/19047>

<sup>18</sup> Nas páginas do *Correio da Manhã*, em julho de 1959, Augusto Frederico Smith falava de “Reino da Mediocridade”.

De qualquer modo, não obstante suas significativas divergências, o diagnóstico acerca da irrupção das massas no espaço público lhes era comum. Inscrito nesse contexto intelectual de grandes mudanças sócio históricas, *Consciência e Realidade Nacional* acrescentava, porém, uma perspectiva *sui generis* para o debate sobre as maiorias. Porque ao invés de reificar a consciência despreparada, desqualificando-as e atribuindo tal traço a um agente histórico social específico, Vieira ultrapassou qualquer tipo de demofobia<sup>19</sup> ou esnobismo intelectual e desconsiderou a polarização entre elite *versus* plebe; cultura erudita *versus* cultura popular; ou mesmo as distinções entre as classes sociais, pobres despossuídos *versus* ricos proprietários, por exemplo. Filosófica, sua obra não marcava clivagens sociológicas, mas visões de mundo (*weltanschauung*) — valores e comportamentos, que poderiam estar presentes em distintas classes sociais, compatíveis ou não com uma perspectiva emancipacionista (não colonial) da realidade brasileira. Por isso, no último parágrafo desse primeiro volume de CRN, ele escreveu:

“Caberia aqui indicar quais os tipos individuais que encarnam respectivamente uma e outra modalidade de consciência, mas as referências anteriores são bastantes para revelar que, representadas no âmbito político por facções sociais distintas, a figura crítica encontra a sua realização prática na ascensão das massas trabalhadoras, no progressivo avanço dos setores nacionalistas da burguesia empresarial, no predomínio dos grupos técnicos da alta administração pública e no reconhecimento obtido pelos pensadores, sociólogos e economistas empenhados na compreensão dialética do processo de desenvolvimento.”<sup>20</sup>

Ao tratar os modos de existir e pensar das consciências singela e autêntica, o filósofo salientava que tais modalidades de ser-no-mundo atravessam indistintamente a todas as classes sociais e estavam presentes tanto nos homens simples e sub-letrados quanto, inclusive (e, quiçá, principalmente), na patética figura do acadêmico pedante — refiro-me àquele cientista vaidoso, encantado com as suas próprias elucubrações e cego pelas engenhocas da tecnologia<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Sobre o conceito de demofobia, ver Thais Florêncio de AGUIAR. *Demofobia e demofilia: dilemas da democratização*. RJ: Azougue Editorial, 2015.

<sup>20</sup> Em Nelson W. Sodré, esse conjunto de atores conforma o “povo brasileiro”, que não consiste exatamente no gentílico destas terras, mas num conceito social e político que descreve os que estão irmanados e se engajam no projeto de autonomia e desenvolvimento nacional. Sobre Werneck Sodré cf., dentre outros, os verbetes do *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré*. Marcos SILVA (org.) RJ: Editora UFRJ, 2008.

<sup>21</sup> Oitavo traço da consciência ingênua, o Pedantismo (CRN/1, 193-210), é descrito desta forma: “O pedante não é apenas o indivíduo que exhibe a sua relativa cultura em frases complexas, empoladas, sem perceber o ridículo da atuação pretenciosa, mas é aquele que assim procede porque tem falsa ideia do papel autêntico da inteligência e do seu desempenho social. [...] Colocando-se na posição de indivíduo excepcional, considera ter por missão dizer aos outros quais os problemas que no momento o preocupam e que ideias lhe surgem. Pouco importa que não sejam os problemas reais [...], pois sabe que os problemas das grandes massas são têm a importância que lhes é atribuída pela inteligência esclarecida dos homens de cultura superior. [...] Dessa maneira a consciência pedante considera que seu mais meritório papel é o de introduzir a inteligência média das camadas letradas e ávidas de cultura nas altas especulações do saber atual. Acredita



## Depois das eleições paulistas

As massas brasileiras estão se aproximando, rapidamente, daqueles momentos em que o povo faz história. As massas brasileiras estão amadurecendo para a revolução.

Já se está processando, surdamente, inconfiguradamente, a revolução. Não a revolução dos populistas de cartola, nem dos trabalhistas do Catete, embora aqueles e estes — aqueles ainda mais do que estes — se possam beneficiar, eventual e fugazmente, dos acontecimentos. Muito menos se trata da revolução dos bacharéis, que confundem a rebelião das massas com a guerra ao sr. Getúlio Vargas e acreditam na iminência de um golpe que depusesse o ditador (o sr. Getúlio Vargas é sempre o ditador, para o comodismo liberal) e com a deposição do ditador instaurasse o milênio dos comunistas e oportunistas.

Na verdade, há um perdedor certo e inevitável, em todas as eleições que se processam no Brasil, desde 1950, há uma derrota constante, entre as muitas variáveis. Esse perdedor é a UDN, essa derrota é a da UDN.

Não se conclua, daí, que a revolução que ora se processa seja a do partido comunista. Traz, sem dúvida, esta revolução, profundas marcas do marxismo. Mas todas as coi-

sas do nosso tempo, inclusive o antimarxismo, trazem a marca do marxismo.

Não é do partido comunista a revolução, embora contenha em si um processo e um projeto de socialização. Embora isto, a revolução que se realiza no Brasil de nossos dias não é dominada pelos comunistas. Muito ao contrário, a revolução está superando o PCB, as massas estão muito à frente do partido e este se revela, tal como a chamada elite conservadora, completamente incapaz de dirigir os acontecimentos.

A revolução que se está processando, surdamente, inconfiguradamente, é uma aspiração coletiva à procura de sua formulação. É um movimento em busca de seus líderes. É mais do que um protesto, porque não se dirige contra um ato ou uma instituição determinados, mas condena, em bloco, todos os atos e todas as instituições vigentes. É menos do que uma política, porque não tem consciência de seus próprios motivos nem de seus próprios alvos.

Alguns demagogos têm procurado canalizar, em proveito próprio, a formidável onda popular. A princípio, foi o sr. Getúlio Vargas. Ontem, era o sr. Ademar de Barros. Agora, é o sr. Jânio Qua-

dros. Os nomes se sucedem, conforme os demagogos passam da irresponsabilidade da oposição para a responsabilidade do governo, e sucumbem, tão cedo conquistam o poder, sob o peso da mesma incapacidade que demonstraram seus antecessores e de que se tinham valido para destroná-los.

Por que sucumbem os demagogos, ao chegarem ao poder? Porque não sabem dar uma formulação profunda e autêntica às aspirações das massas. Porque não sabem articular, num sistema coerente, a política, como obra de Estado, com a política, como obra social. Os demagogos sucumbem porque são materiais da revolução e não seus guias e intérpretes.

A revolução, no entanto, prossegue sua marcha, à procura de uma formulação que as massas nunca lhe saberão dar e de uma liderança que não encontram. É grave a existência desse processo em busca de seus fins. Porque, tardando o momento em que se oriente racionalmente este movimento de massas, seus desgastes se irão acumulando conforme se forem sucedendo os demagogos. E depois poderá ser tarde demais, para todos e para tudo.

que se não o fizer o país continuará mergulhado no letargo colonial, sem contato com o mundo das ideias, que, conforme julga, é o mundo de fora. O mundo interno, aquele a que pertence, não está em contato com o plano das ideias, não tem ideias, nem condições para dar origem a elas. [...] Não fora esses gênios locais não haveria esperança de algum dia o país se levantar e produzir seu próprio saber. [...] Sua função capital é uma só: ser a mediadora do saber entre os centros estrangeiros universais e a restrita e atrasada área nacional. Sua tarefa é produzir no meio local livros que traduzam o conteúdo dos livros estrangeiros. [...] Participam assim de controvérsias filosóficas que em nada dizem respeito a realidade brasileira [...]; e ao mesmo tempo ignoram que é preciso despender grande esforço intelectual criador para dar resposta filosófica justa e, portanto, original às indagações que a nossa realidade suscita. [...] O pedantismo como vimos não é outra coisa senão uma das faces da alienação cultural específica do intelectual do país economicamente atrasado.” (CRN/1, *passim*)

FIGURA 3: Na imagem acima, fragmento da página 04 do *Correio da Manhã* de 25 de março de 1953. Sem assinatura, o artigo afirma que “As massas brasileiras estão se aproximando rapidamente daquele momento em que o povo faz história.” Disponível na Hemeroteca Digital BN.

Há evidentes ecos da presença de José Ortega y Gasset<sup>22</sup> no Brasil dos anos 1950 – 1960<sup>23</sup> e em *Consciência e Realidade Nacional*, também. Contudo, ao contrário da acidez crítica do filósofo espanhol, Vieira Pinto inverteu os sinais do problema e não só descreveu os modos de ser-no-mundo dessa maioria de gente sem virtudes ou qualquer notabilidade intelectual-moral como, principalmente, escolheu as massas como seu leitor-destinatário. É para eles e sobre eles que Vieira escreveu. E por essa razão declarou:

“[...] a ideologia do desenvolvimento tem de proceder das massas, como manifestação da consciência própria que já tenham conquistado. [...]

[...] a participação das massas no processo de desenvolvimento é consequência desse mesmo processo, é função do desenvolvimento.

[...] a massa não preexiste ao desenvolvimento, mas começa a existir quando ele se inicia, e se configura progressivamente à medida do seu incremento.

[...] De fato, o surgimento da massa é o grande acontecimento da fase do processo nacional que estamos vivendo. É ela a novidade histórica, o novo como manifestação da realidade. [...]

“Só quem pertence à massa e se comporta existencialmente como tal, está habilitado a ver produzir-se em sua consciência a substituição de antigas ideias, crenças e valores, que respeitava sem crítica, por outras que de agora em diante admitirá como as únicas a dar razão dos fatos de que participa.” [...] [...]

[...] No país desenvolvido com muito maior dificuldade as massas encontram os seus filósofos, porque em tal condição a filosofia é praticamente domínio de pura alienação. [...] A filosofia é aí fuga à realidade. [...] É preciso que o país esteja emergindo do estado de subdesenvolvimento para que seus sociólogos e pensadores sejam despertados aos acontecimentos significativos e revertam à realidade que é sua. [...] O país atrasado não tem sociólogos nem filósofos, e não tem porque não podem ter. Em tal situação, outra coisa não é dado fazer senão acumular o saber alheio, pensar segundo o que se

---

<sup>22</sup> No ensaio “O multiverso da identidade Latino-Americana, c. 1920 – c.1970”, Richard MORSE explica que...“Para entender como e por que a fenomenologia existencial foi absorvida no mundo Ibero-atlântico e não apenas aceita como uma ‘influência’, a figura central é José Ortega y Gasset (1883 – 1955). Sua importância tem pouco a ver com suas declarações sobre a América Latina, que são relativamente pouquíssimas, [...]. Nosso interesse por Ortega aqui se deve ao fato de ter ele, no início de sua carreira, percebido que a ambivalência da Espanha diante da modernização europeia exigia uma explicação filosófica e não receitas econômicas ou políticas. Por isso recorreu ao pensamento alemão. [...] Aos latinos americanos que consideravam a sua situação análoga à da Península Ibérica, Ortega transmitiu usos do pensamento filosófico [...]”. In *História da América Latina. Volume VIII - A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. Leslie BETHELL (org.) São Paulo: EDUSP, 2006, p 123.

<sup>23</sup> N. CORTES. “Notas sobre a presença de José Ortega y Gasset no Brasil (1930 – 1960)” In *Revista Brasileira*, Fase VIII, Out. – Nov. 2013, Ano II, 77, pp. 77 – 94. Disponível no site da Academia Brasileira de Letras (ABL): [www.academia.org.br/revistabrasileira](http://www.academia.org.br/revistabrasileira) | Ver também Aquiles C. GUIMARÃES. “A presença do pensamento de Ortega y Gasset no Brasil”; “Verdade e consciência em Álvaro Vieira Pinto”. *Pequenos estudos de filosofia brasileira*. RJ: Nau, 1997, p 171-180; p 117-128

aprende nos livros estrangeiros e com isso, desenvolver a única cultura cabível em tal circunstâncias.” (CRN/ I, 128 – 146 passim)

Em suma, **destinada ao homem mediano, CRN veio a público exatamente na ocasião em que essa gente vulgar e despreparada tornou-se visível na sociedade brasileira. Quer dizer, *Consciência e Realidade Nacional* encerra uma percepção filosófica acerca do confronto entre as consciências que irrompeu, justamente, naquela circunstância histórica quando do surgimento das maiorias na cena pública.**

Por isso, o primeiro volume da obra captura e tipifica os modos de agir, ser e pensar dos homens comuns que, mesmo desprovidos de qualquer traço de excelência, passaram à frente no espaço público e se tornaram os agentes decisivos do cenário político moderno — em fins dos anos 1920, Ortega lamentara em *A rebelião das massas*: “já não há mais protagonistas; só coro”.

Mas é importante insistir no fato de o isebiano NÃO ter escrito um auto de acusação contra a vulgaridade medíocre do homem ordinário. Vieira não estava escandalizado com o surgimento das maiorias. Muito ao contrário. Afinal, o seu problema não era acusar, mas sim identificar, analisar e compreender os modos de pensar da consciência inautêntica visando, com isso, expandir e transformar os estreitos limites dessa consciência e da sua simplória representação da realidade<sup>24</sup>. Por essa razão a obra descreve e analisa os caracteres da consciência cândida apresentando-se como um convite à filosofia para que o leitor, a partir de seus próprios gestos e esforços intelectuais, escape da situação de abastardamento e alienação — situação que é típica da consciência ingênua, já que ela ignora o seu pertencimento à realidade nacional<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Essa mesma intenção autoral é explícita na publicação dos livros de bolso *Cadernos do povo brasileiro*. Sobre os *Cadernos* cf. Angélica LOVATO. *Os Cadernos do povo brasileiro e o debate nacionalista nos anos 1960*. PUC-SP, Tese doutorado, 2010. Atualmente, a coleção completa dos *Cadernos* está disponível em <https://drive.google.com/open?id=1Cc0xe9rq1mBoMGpm7RO54D1OTdeUAhsv>

<sup>25</sup> Essas são as razões para Paulo Freire declarar que as matrizes intelectuais da sua Pedagogia repousam sobre a filosofia de Vieira Pinto. O pernambucano se refere a esse ânimo inclusivo e democrático, cuja *Paideia*, em cumprimento à senda fenomenológica, dirige-se à inteligência cândida; valoriza os saberes do mundo ordinário; dá-se como experimentação e ações concretas — ou seja, consiste num gesto prático, performático, que está além da mera elucubração teórica ou cerebral —; e, por fim, visa romper os limites intelectuais da consciência singela. Sobre os vínculos entre Paulo Freire e Vieira, cf. o estudo pioneiro de Vanilda PAIVA. *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista*. RJ: Civilização Brasileira, 1980.

FIGURA 4. Na página seguinte, a imagem de artigo de Herrera Filho publicado no jornal lacerdista *Tribuna da imprensa* de 20-21 de setembro de 1958. Destaca-se a citação à obra de Ortega y Gasset e o reconhecimento do “inevitável triunfo das massas.” Disponível na Hemeroteca Digital BN.

# Uma grave questão dêstes dias

A proximidade do comício eleitoral de 3 de outubro suscita na mente dos homens incumbidos de alguma tarefa excelente a magna lição que emana de "A Rebelião das Massas", de Ortega y Gasset.

Por muitos e muitos anos ainda o Brasil será um caldeirão a ferver ingredientes etnológicos dos mais heterogêneos, credos religiosos e doutrinas filosóficas da mais varia procedência; entretanto, importa capitalmente que no processo de fusão alquímica tão conspícua e tão nova na história das civilizações, permaneça e se robusteça o espírito brasileiro, essa força incorruptível que ciosamente guarda na sua entredanha contra todos os atentados, a redentora mensagem profetizada em veneráveis documentos de pretéritas idades.

O homem moderno, pela soma de responsabilidades que a História lhe acumulou sobre os ombros, só cumpre sua missão se mescla em si a humildade do mártir e a bravura do herói. (A caricatura dêsse conceito pode ser encontrada no escarninho "prudência e decisão" de Gêulio, em tórva época).

A tarefa suprema de um povo é compor as câmaras legislativas, mas que câma-

ras podemos esperar das urnas de 3 de outubro? Se o brasileiro conhecesse política como conhece futebol, seríamos a maior democracia do mundo, nossos pracinhas — campeões de uma guerra salvadora — seriam tratados tão bem como os campeões do futebol mundial.

A massa, o homem-massa — eis a questão. Para o filósofo espanhol o fenômeno das aglomerações humanas nas grandes cidades vem a ser "el hecho más importante de nuestro tiempo". A massa, êsse tipo de homem fabricado com a escória humana que os erros governamentais fermentaram no subsolo das sociedades, está realmente vitoriosa, mas, como tudo na vida progride na suprema instância dos equilíbrios, está à vista que muitas surpresas esperam os senhores distraídos. Alertem-se os poderosos de que a Natureza age por volume. Esta lei de física atua, cada vez mais, nas sociedades modernas.

Ler ou reler "A Rebelião das Massas" ante o panorama dêstes dias eleitorais é reconhecer que o triunfo das massas é inevitável, embora êsse triunfo talvez resulte na maior derrota jamais verificada na existência social do gênero humano. A disso-

lução dos costumes, a quebra de rotinas fincadas na ordem social, a anarquia sexual e seus delitos; o fracasso das religiões em cumprir sua missão justificadora que é promover a felicidade humana; o retôrno intensivo à magia negra, que campela em tôdas as classes sociais; a desagregação dos lares — tudo isso é o caldeirão de Pero Botelho a ferver na horrída alquimia de velhos erros sorteados momentaneamente, mas volta a meia mais revigorados pela própria capitalização da patologia social. As malícias interpretativas dos grupos e as mentiras deturpantes com que obstinadamente se pretende "tirar o corpo" da questão, nada mais representam do que o atordoamento do passarinho jungido ao fascínio hipnótico da serpente.

Milhares de ângulos aparecem nos flancos de "A Rebelião das Massas", propiciando ao brasileiro cristalinas lições para saber discernir ante as urnas o caminho certo. Tão grande é a importância destas eleições que das urnas surgirá uma certidão de nascimento ou um atestado de óbito.

**HERRERA FILHO**

### III

Atualmente, seis décadas após o seu lançamento, a leitura de *Consciência e Realidade Nacional* ganha um inusitado frescor. Afinal, embora seja desconcertante, parece que mais uma vez estamos às voltas com ânimos irracionalistas<sup>26</sup> e em meio a uma turba de homens sem qualidades<sup>27</sup>. A um só tempo familiar e embaraçosa, essa atualidade justifica a divulgação destas páginas, que pretendem sintetizar alguns aspectos da filosofia de Álvaro Vieira Pinto e a sua fenomenologia da consciência ingênua, mas também se ergue, em acréscimo, como uma incômoda interpelação acerca dos (des)caminhos da Filosofia no Brasil.

Creio que devemos repensar e explicar os porquês de a nossa tradição de estudos filosóficos ter se institucionalizado como uma comunidade acadêmica formada tão-somente por mestres-escolas, comentadores ou professores de Filosofia, que abandonaram as possibilidades criativas inscritas nas ideias de Álvaro Vieira Pinto e deliberadamente renunciaram às ambições do pensamento original e autóctone.

É realmente uma lástima, mas tenho de concordar com as observações de Vladimir Safatle, Professor Titular do Departamento de Filosofia da USP, que há pouquíssimo tempo escreveu:

“A filosofia no Brasil se profissionalizou a partir dos anos 1930 por meio de uma certa política de tábula rasa. Aprendemos todos que antes havia no Brasil apenas um pensamento desfibrado e filosoficamente irrelevante, que aquilo que se chamava "filosofia brasileira" era algo que seria melhor esquecer.

Mesmo depois, aqueles que se viam como expoentes da filosofia brasileira eram compreendidos nos departamentos como representantes de um pensamento em falta de adequação mínima aos padrões de rigor

---

<sup>26</sup> Em 1958, Vieira Pinto publicou a “Introdução” de *Razão e anti-razão em nosso tempo* de Karl JASPERS, que foi o primeiro livro lançado pelo ISEB na coleção Textos de Filosofia Contemporânea.

<sup>27</sup> No início de 2019, a jornalista Eliane BRUM publicou o artigo *O homem mediano assume o poder* e escreveu: “Desde 01 de janeiro de 2019, o Brasil tem como presidente um personagem que jamais havia ocupado o poder pelo voto. Jair Bolsonaro é o homem que nem pertence às elites nem fez nada de excepcional. Esse homem mediano representa uma ampla camada de brasileiros. É necessário aceitar o desafio de entender o que ele faz ali.” (*El país*, disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311448043.html>) Esse artigo circulou amplamente pela web e mídias sociais. | Em agosto, no site *Controvérsia*, Marina COLASANTI insistiu no ponto e em *A vulgaridade é lixa áspera* afirmou que “a vulgaridade está comandando o momento” (disponível em: <http://controversia.com.br/a-vulgaridade-e-lixas-aspera/>) | Poucos meses depois, em outubro, o colunista Ayrton CENTENO assumiu dicção claramente “nelsonrodrigueana” e, no periódico *Brasil de fato*, publicou o texto *O empoderamento dos idiotas* (disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/30/o-empoderamento-dos-idiotas>).

exigidos pelos critérios das universidades relevantes no resto do mundo.

Mas o efeito colateral dessa querela foi compreender que não deveria haver filosofia brasileira, que qualquer um que se colocasse como tal era um impostor. Fomos ensinados a ser professores de filosofia, comentadores profissionais, mas ai daquele que se colocasse como ‘filósofo’.

[...] [...]

O resultado é que esses que eram ridicularizados por nós entenderam ao menos algo que nós não entendemos, a saber, que a filosofia é um setor fundamental da experiência sociocultural de certas sociedades, a nossa inclusa.”<sup>28</sup>

O isebiano foi um desses filósofos ridicularizado pela geração que se lhe seguiu. Em consequência e desgraçadamente, foi se tornando invisível nas narrativas da História da Filosofia no Brasil. Mas já está na hora de virar essa página e reavaliar os caminhos acadêmicos e/ou institucionais que a Universidade trilhou nos últimos tempos.

Nos dias que correm, quando os apelos do irracionalismo ganham as ruas, a obra de Vieira pode contribuir para o estreitamento dos laços entre a (cons)ciência e a realidade nacional. Sua filosofia pode nos oferecer melhor compreensão acerca das atividades de divulgação científica, filosófica e também a dos estudos históricos, dando-nos mais inteligência acerca dos limites e das condições de possibilidade (epistêmicas e ontológicas) para o diálogo com o público em geral.

Enfim: *Consciência e Realidade Nacional* guarda uma lição, pois consiste numa hercúlea tentativa para estar-no-mundo / disputar a narrativa sobre o mundo, a realidade brasileira. É hora de voltar a ler esses escritos com seriedade e resgatar essa potência filosófica que pulsa na obra de Álvaro Vieira Pinto.



---

<sup>28</sup> Vladimir SAFATLE. Uma questão filosófica. In *Folha de São Paulo*, 18 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2019/01/uma-questao-filosofica.shtml>